

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A LÍNGUA ARAWETÉ

*Marcia Damaso Vieira
Yonne de Freitas Leite
Museu Nacional-UFRJ/CNPq*

- **RESUMO:** Neste artigo apresenta-se uma descrição da língua Araweté, falada por cerca de 150 indivíduos, que habitam uma única aldeia, situada na margem esquerda do rio Ipixuna, afluente da margem direita do rio Xingu (Pará). Esta descrição abrange aspectos da fonêmica e da morfossintaxe, tais como sistema pronominal, ordem sintagmática, negação, interrogação, marcadores de tempo, modo e aspecto, e incorporação. Os critérios para a inclusão do Araweté nos subgrupos da família Tupi-Guarani são também discutidos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Línguas Indígenas Brasileiras; Família Tupi-Guarani; Língua Araweté.
- **ABSTRACT:** This paper presents a comprehensive description of the Araweté language (Tupi-Guarani-family), spoken by 150 individuals, settled in one single village, at the Ipixuna river, affluent of the Xingu river (Pará). It covers a preliminary phonemic analysis as well as morphosyntactic topics, such as: pronominal systems, word order, negation and interrogation processes, tense, mood and aspect markers, and incorporation. The criteria for the inclusion of Araweté in the Tupi-Guarani family are also discussed.
- **KEY WORDS:** Brazilian Indian Languages; Tupi-Guarani Family; Araweté Language.

1 INTRODUÇÃO

As primeiras observações lingüísticas sobre o Araweté foram feitas por Castro (1986) em sua premiada tese de doutorado, na qual realiza um estudo etnográfico, que não só revela o mundo dos vivos e dos mortos, a vida social, a metafísica desse povo de história trágica, mas também apresenta um apêndice em que constam observações sobre os sons e seus possíveis agrupamentos e também a cadeia de mudanças geradoras do sistema fonológico atual.

A descrição lingüística aqui apresentada resulta de dois períodos de recolha de dados.¹ O primeiro teve lugar na aldeia Araweté, de 13 a 24 de agosto de 1995. O segundo se concretizou com a permanência de uma semana de um jovem Araweté — Tarənan — no Rio de Janeiro, em setembro de 1997.

2 FONÉTICA E FONOLOGIA

O sistema fonológico do Araweté, tomando-se por base a reconstrução do proto-Tupí-Guaraní de Lemle (1971), resulta das mudanças arroladas a seguir.

2.1 O SISTEMA VOCÁLICO

- *a > ɪ / -C nasal #: *akaŋ > atʃɪ “cabeça”
- *a > ǣ / -C#: *kaj > kǣj “queimar”; *epyak > etʃǣ “ver”
- *a > ǣ / em sílaba final acentuada: *tata > tatǣ “fogo”
- *a > a / nos demais ambientes: *abati > awatə “milho”
- *y > i *pype > pipe “dentro”; *py'a > piǣ “figado”
- *i > ə / principalmente em ambiente de *r: *pira > pəǣ “peixe”; *pir > pə “pele”
- *i > i / nos demais ambientes: *ita > itǣ “pedra”; *yb > i “árvore”
- *o > a / em sílaba final de vocábulo e em penúltima sílaba precedendo
- *o: *pepo > pepa “asa”; *ok > a “casa”; *o'o > haa “carne”

¹ O trabalho de campo foi patrocinado pelo Instituto Sócio-Ambiental (Isa) e pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ)/Finep (convênio nº 76.97.0485-00). Agradecemos a Eduardo B. Viveiros de Castro a oportunidade da viagem, a revisão final do texto e o constante auxílio em nos introduzir no mundo e língua Araweté, e a João Antonio de Moraes, a leitura cuidadosa que tornou o texto mais claro e sua extrema boa-vontade em nos socorrer quando a impressora se recusou a imprimir os símbolos fonéticos. Porém os erros de qualquer natureza, que por certo ainda persistem, são de nossa exclusiva responsabilidade.

*o > u ~ o ~ ə ~ y nos demais ambientes

*u > u ~ o ~ ə ~ y

As vogais nasais que sofreram mudanças são as arroladas abaixo.

*ō > ǫ ~ ũ ~ ǻ ~ ỹ

*ū > ũ ~ ǫ ~ ǻ ~ ỹ

*ǣ > ɪ : *nopǣ > nopɪ “bater”; *ǣy > ɪy “dente”

*ỹ > ɪ : *a'ỹj > hǣi “semente”

2.2 O SISTEMA CONSONANTAL

A maioria das consoantes do proto-sistema permanece. As principais tendências de modificação estão arroladas abaixo.

*pj > tʃ: *epjak > etʃǣ “ver”

*pw > p: *pwǣ > pɪ “dedo”; ko-pwer (tup.) > kape “capoeira”

*t > tʃ diante de *i: *kwatiar > kytʃǣ “pintar”; *kwati > katʃi “coati”

*k > tʃ: diante de /i/ e /e/ *ker > tʃe “dormir”; *akaŋ > atʃɪ “cabeça”

*kw > k: *kwaracy > karahi “sol”

*kw > tʃ diante de e ou i: ok-wer (tup.) > atʃe “casa velha”

*c > h: *pɣcyk > pihi “pegar”

*j > j em posição de coda silábico em final de palavra; [j] ~ [dʒ] ~ [ɲ]

em onset silábico em início de palavra; [ɲ] em ambiente de vogal

nasal

*b > w: *ebek > ewe “barriga”

As consoantes finais, com exceção de *j, são canceladas. A oclusão glotal perde seu caráter distintivo.²

As modificações ocorridas resultam nos sistemas fonológicos abaixo especificados.

² O cancelamento da oclusão glotal quando seguida de / ə / pode acarretar o recuo do acento da última para a penúltima sílaba: *ka'í > kǣə “macaco”.

<i>Sistema vocálico</i>	i e a ə y
<i>Sistema consonantal</i>	p t tʃ k m n r w j h ³

Devido ao cancelamento das consoantes finais, que acarreta o contraste em posição final de palavra entre vogal oral, vogal nasal e vogal seguida de consoante nasal e a inexistência de oclusivas pré-nasalizadas, fatos que justificavam a postulação de vogais nasais fonêmicas, o traço de nasalidade nas vogais deixa de ter um valor distintivo e as vogais nasalizadas podem ser representadas pela seqüência *Vn*. O fonema africado palatal deriva das modificações ocorrentes com *py, *ti, *ki, *ky, *ke, *kwe e *kwi como se pode verificar acima.

A representação das variantes [ə]~ [ɪ] por / ə / e a variação [u] ~ [o]~ [ə] ~ [y]⁴ por /y/ capta a simetria do sistema e a perda de distintividade do traço [arredondado], mudança privativa do Araweté, foneticamente motivada pela natureza em geral pouco arredondada das vogais posteriores das línguas Tupí-Guaraní (cf. Soares & Leite, 1991). Assim, a oposição entre as vogais passã a ser feita em termos da anterioridade positiva ou negativa e o arredondamento, distintivo nas outras línguas da família, se torna um traço redundante.

A existência de pares mínimos como [hepi] “meu pé”: [hepə] “minha pele”: [hepe] “meu caminho”: [hepa] “minha mão”; [iwity] “vento”: [iwiti] “morro”: [awatə] “milho” constitui evidência de que [ə] tem um estatuto fonêmico. Há, aparentemente, um debordamento entre o alofone [ə] de /y/ e o de /ə/. A diferença é que, no primeiro caso, existe a alternância [y], [o], [u] e [ə] e a

3 Para facilitar a digitação utilizaram-se os símbolos y, x e j para, respectivamente, a vogal posterior ou central alta não arredondada, a africada palatal surda e a aproximante palatal.

4 Um estudo quantitativo de cunho laboviano poderá determinar as variáveis lingüísticas (posição da sílaba na palavra, tipo de vogal antecedente e subsequente, etc.) e sociais (faixa etária, gênero, etc.) que condicionam essa variação aparentemente “livre”.

realização do alofone [ə] é menos breve do que a realização do [ə] do fonema /ə/.

O fonema /r/ realiza-se, em posição inicial de palavra e em ambiente de /ə/, como um flepe alveolar fricativizado, como uma fricativa dental sonora ou como uma oclusiva alveolar.

Verificou-se apenas uma ocorrência do som [b] na palavra [biðe], autodesignação do grupo.

3 MORFOLOGIA E SINTAXE

3.1 O SISTEMA DE PREFIXOS DE PESSOA

Do ponto de vista morfológico, o exame da marcação de casos dos prefixos indicadores de pessoa sujeito e objeto mostra que o Araweté é uma língua do tipo ativo. Por tal se entende uma língua em que os sujeitos dos verbos transitivos e intransitivos ativos são expressos pela mesma série de prefixos pessoais, enquanto que o objeto do verbo transitivo tem a mesma forma de pessoa dos verbos intransitivos de estado. Esta forma coincide com a série que marca o possuidor nos nomes, como se vê em (1)

- | | | |
|-------|---------------------------------|--------------------|
| (1) a | he ky a-ry | “eu o trouxe” |
| | eu ky 1 ^a sg-trazer | |
| b | a-xe-pytan | “eu quero dormir” |
| | 1 ^a sg-dormir-querer | |
| c | he-nypin ky ne | “você me bateu” |
| | 1 ^a sg-bater ky você | |
| d | he-tiriman ky he | “eu estou cansado” |
| | 1 ^a sg-cansado ky eu | |

Não há, em Araweté, morfemas cumulativos para expressar a relação de 1^a pessoa sujeito e 2^a objeto, que são encontradas em outras línguas da família Tupí-Guaraní, como o Tapirapé (Leite, 1990), Asuriní do Trocará (Vieira, 1987), Tupinambá (Rodrigues, 1953; Barbosa, 1956), Asuriní do Xingu

(Montserrat & Irmãzinhas de Jesus, 1998), Kayabi (Dobson, 1988), Guaraní Antigo (Montoya, 1876), Mbyá (Dooley, 1982), Kaiwá (Jensen, 1989), Chiriguano (Dietrich, 1986), Wayampi (Jensen, 1989), Kamaiurá (Seki, 1982), entre outras. Também não há os morfemas descontínuos indicadores da relação sujeito de 2ª pessoa e objeto de 1ª pessoa, que se encontram em algumas das línguas mencionadas acima: Tapirapé, Asuriní do Trocará, Tupinambá, Asuriní do Xingu, Guaraní Antigo.

A expressão da estrutura ativa, em Araweté, não se manifesta apenas na relação entre a 1ª e 2ª. pessoas e a 3ª, quer sujeitos, quer objetos. Tal como em Aweti (Montserrat, 1976), o sistema de referência pessoal do Araweté não é um sistema ativo de plena realização apenas quando a 3ª pessoa está envolvida. Nestas duas línguas, a estrutura ativa se manifesta em todas as relações de pessoa, a ordem dos constituintes determinando as funções gramaticais de sujeito e objeto.

- (2) a **ne-nypin ky he** “eu bati em você”
2ªsg-bater *ky* eu
b **ne-r-exan ky yre** “nós vimos você”
2ªsg-rel.-ver *ky* nós
c **he-r-exan ky ne** “você me viu”
1ªsg-rel.-ver *ky* 2ªsg.

Nos exemplos acima, vê-se que o objeto está sempre contíguo ao verbo, a sua esquerda. Já o sujeito é uma forma livre que pode ocorrer tanto antes quanto depois do predicado verbal, como mostram os exemplos (3) abaixo.

- (3) a **he ky ne-nypin** “eu bati em você”
eu *ky* 2ªsg-bater
b **ne ky he-nypin** “você me bateu”
você *ky* 1ª-bater

Nestes casos, ocorre a incorporação (vide 3.9) obrigatória do objeto pronominal ao verbo.

Nas construções, como as exemplificadas em (2), em que há o envolvimento da 1ª e 2ª pessoas, podem co-ocorrer as formas

jepe e *pejepe*, que estão ligadas tanto ao sujeito quanto ao objeto de 2ª pessoa, *jepe* para o singular e *pejepe* para o plural.

- (4) a **he-r-exan ky pe (pejepe)** “você me viram”
1ªsg-rel.-ver *ky* vocês (2ª. pl)
b **pe-nypin ky he (pejepe)** “eu bati em vocês”
2ªpl-bater *ky* eu (2ª pl.)

Quando o objeto é a 2ª pessoa e o sujeito é a 1ª pessoa, pode ocorrer uma outra construção, em que as formas *jepe* e *pejepe* são obrigatórias, por ser a única manifestação do objeto de 2ª, uma vez que o prefixo pessoal que antecede o verbo é uma marca de concordância do sujeito de 1ª pessoa, como mostra (5) abaixo

- (5) a **a-nypin ky he jepe** “eu bati em você”
1ªsg-bater *ky* eu você
b **a-exan ky he pejepe** “eu vi vocês”
1ªsg-ver *ky* eu vocês

Em Araweté, a forma para a primeira pessoa plural inclusiva, presente na maioria das línguas da família Tupí-Guaraní, só ocorre como pronome livre, não existindo como prefixo possessivo ou indicador de objeto ou morfema de concordância.

- (6) **jane y-hã** “nós todos fomos”
nós (incl.) 3ª-ir

Há em Araweté, assim como em Tapirapé, Asuriní e Kamayurá, uma série de prefixos que indica a ligação anafórica entre o sujeito antecedente e a pessoa a) do possuidor nos nomes; b) do complemento de uma posposição; c) do sujeito de verbos auxiliares e de formas verbais intransitivas dependentes.

- (7) a **a-he te-aj-we** “eu vou para minha casa”
1ªsg-ir 1ªrefl. casa-para
b **a-mo-pen ky he te-pa** “eu quebrei minha mão”
1ªsg-caus.-quebrar *ky* eu 1ªrefl.-mão
c **a-he te-xe** “eu vou dormir”
1ªsg-ir 1ªrefl.-dormir
d **a-kary he te-en** “eu estou comendo”
1ªsg-comer eu 1ªrefl.-aux. (sentado)

O quadro abaixo apresenta o sistema de prefixos pessoais do Araweté.

Quadro de prefixos pessoais

	Série subjetiva	Série objetiva	Série reflexiva
1sg	a	he	te
2sg	ere	ne	e
3	y	h~i~Ø	y
1pl	yry	yre	yry
2pl	pen	pe	pe

A série de pronomes independentes é igual à série objetiva, com exceção da 3ª pessoa singular que não é realizada lexicalmente e da 3ª do plural, que se expressa por *win*.

Como nas demais línguas Tupí-Guaraní, há também prefixos de objeto reflexivo e recíproco.

- (8) a a-**ji**-pi-kan-ky he “eu cortei meu pé”
 1ªsg-refl.-pé-cortar *ky* eu
 b u-**ji**-nypin “eles batem uns nos outros”
 3ª-rec.-bater

3.2 AS EXPRESSÕES DE TEMPO, MODO E ASPECTO

3.2.1 Tempo

3.2.1.1 O tempo nos nomes

Assim como em outras línguas da família Tupí-Guaraní, em Araweté existem sufixos que marcam o tempo (passado e futuro) nos nomes:

- (9) a he-a-**ri** nowi “Aquela é a minha futura casa”
 1ª poss.-casa-fut aquela
 b he-a-**xe** nowi “Aquela é a minha ex-casa”
 1ª poss.casa-pass. aquela

3.2.1.2 O tempo nos verbos

Na maioria das línguas da família Tupí-Guaraní, a noção de tempo não é expressa morfologicamente⁵. Assim, a mesma forma verbal pode ser traduzida nos tempos presente, passado ou futuro, dependendo do contexto ou dos elementos adverbiais com os quais co-ocorre.

Em Araweté, não foram identificadas tampouco expressões morfológicas de tempo. Os morfemas que parecem traduzir uma idéia temporal são mais bem analisados como partículas evidenciais ou discursivas.

3.2.1.3 A partícula *ky*

Existe em Araweté uma partícula *ky*, ausente em outras línguas da família Tupí-Guaraní, que à primeira vista parece ser indicadora de tempo passado, uma vez que pode ser traduzida pelo passado em português:

- (10) a-y *ky* he pəran “Eu comi peixe”
 1ªsg-comer *ky* eu peixe
 (11) Eryary *ky* he-nypin “O Eduardo me bateu”
 Eduardo *ky* 1ªsg-bater

Cumprer notar, porém, que *ky* também pode ser empregado em sentenças que não possuem uma interpretação de tempo passado:

- (12) nan *ky* maj nype wé “Não há cobras no caminho”
 neg. *ky* cobra caminho-pelo
 (13) a-kary *ky* he te-ja “Eu já vou comer”
 1ªsg comer *ky* eu 1ªsg.-ir

⁵ O morfema *ta(n)* que se sufixa ao verbo principal em algumas línguas da família Tupí-Guaraní é interpretado por certos investigadores como desinência temporal de futuro (vide Nicholson, 1978). Vieira (1995), todavia, analisa o sufixo *ta(n)* do Asuriní do Trocará como sendo a forma reduzida do verbo leve *pota(n)* “querer”.

- (14) he-ryiman **ky** he “Eu estou com fome”
1^{sg}-fome *ky* eu
- (15) a-pitykan **ky** he typāy “Eu lavo roupa”
1^{sg}-lavar *ky* eu roupa

Os exemplos acima mostram que *ky* pode ser usado em construções que não possuem nenhum elemento temporal ou aspectual em comum. Nos casos acima, *ky* adquire um sentido existencial (12), aspectual inceptivo (13), de tempo presente com verbos não-ativos (14), e de aspecto habitual (15).

A ocorrência de *ky* em estruturas com interpretações temporal e aspectual tão distintas possibilita a interpretação dessa partícula como um evidencial, cuja subespecificação não se pode ainda determinar, por serem os dados disponíveis compostos apenas de frases descontextualizadas. Assim, não se sabe se *ky* indica se a informação resulta de experiência direta ou indireta, ou se traduz uma suposição, inferência, etc. É provável, então, que *ky* tenha um valor modal, uma vez que parece expressar a atitude ou crença do falante em relação à proposição.

3.2.1.4 A partícula *tan*

Também foi observada, em Araweté, a existência da partícula *tan* com interpretação de futuro e que aparece, em geral, em posição final na oração:

- (16) a-y he awatə **tan** “Eu vou comer milho”
1^{sg}-comer eu milho *tan*

Observe-se, todavia, que a ocorrência de *tan* não é obrigatória para indicar a idéia de tempo futuro. Essa opcionalidade é um indicador de que essa partícula não tem o estatuto de marcador de tempo. Quando tempo é uma categoria morfologicamente expressa numa língua, sua presença não pode ser facultativa.

3.2.1.5 A partícula *ne*

Nas orações de propósito em Tupinambá, Tapirapé e Asurini do Trocará, quando o sujeito é de 1^a pessoa, ocorre uma partícula *ne*, que indica o compromisso do falante com a realização da ação expressa pelo verbo. *Ne* também é encontrado nas orações de propósito em Araweté, como se pode depreender do exemplo abaixo, podendo ser interpretado como uma partícula intencional.

- (17) a-jykan **ky** he pəran [t-a-ry **ne** he] “Eu matei peixe para trazer”
1^{sg}-matar *ky* eu peixe prop. 1^{sg}.-trazer *ne* eu

3.2.1.6 O verbo “ir” e a noção de futuro

Assim como ocorre em outras línguas da família Tupi-Guaraní, a noção de tempo futuro pode ser expressa em Araweté por uma construção perifrástica, constituída pelo verbo “ir” seguido de uma forma não-finita do verbo principal:

- (18) a-**he** te-xe “Eu vou dormir”
1^{sg}-ir 1^{sg} corref-dormir
- (19) a-**he** pəran y “Eu vou comer peixe”
1^{sg}-ir peixe comer

3.2.2 Modo

Existe, em Araweté, um sufixo *he*, também encontrado em Mbyá-Guaraní, que indica o modo desiderativo⁶:

- (20) he **ky** pəran a-**y-he** “Eu quero comer peixe”
eu *ky* peixe 1^{sg}-comer -des.

⁶ *Xe* é o morfema desiderativo em Mbyá-Guaraní
xee pira a-**u-xe** “Eu quero comer peixe”
eu peixe 1^{sg}-comer-des.

Há também o modo contra-factual, presente em outras línguas Tupí-Guaraní, expresso pela partícula *pane*, que indica ou que a ação foi frustrada ou que a proposição não é verdadeira:

- (21) ere-manon **pane** ky ne kaaryme “Você quase morreu ontem”
2ªsg-morrer *pane* ky você ontem

3.2.3 Aspecto

3.2.3.1 O aspecto progressivo e os verbos auxiliares

Da mesma forma que em kayabí, Asuriní do Trocará, Tapirapé, Mbyá, Guajajára e Tupinambá, a noção de aspecto progressivo se faz mediante a presença dos chamados verbos auxiliares, como os posturais (“sentado”, “deitado”, “em pé”), os de movimento (“ir” e “vir”) e os que correspondem a “estar” em português.

- (22) a-xe he **te-ka** “Eu estou dormindo”
1ªsg-dormir eu 1ªsg-estar
(23) ere-kary ne **e-en** “Você está comendo”
2ªsg-comer você 2ªsg-sentar

Note-se que essas construções com verbos auxiliares se caracterizam pelo fato de que tanto o verbo principal quanto o auxiliar apresentam marcas de concordância de sujeito⁷, assim como acontece no árabe e em línguas africanas.

Abaixo estão relacionados alguns dos verbos auxiliares encontrados em Araweté:

- (24) *en* ‘sentado’; *in* ‘em pé’; *iy* ‘deitado’; *ja* ‘ir’; *ka* ‘estar’

3.2.3.2 A reduplicação e o aspecto iterativo

Como em várias línguas da família Tupí-Guaraní, a reduplicação é usada para indicar o aspecto iterativo, como se pode ver no exemplo (25).

⁷ A forma pessoal empregada com o verbo auxiliar pertence à série reflexiva.

- (25) y-**ma e-mae** Jyni re “Eles ficam olhando para a Yonne”
3ª-olhar-olhar Yonne para

3.2.3.3 O aspecto completivo

Em Araweté, como em outras línguas da família Tupí-Guaraní, o aspecto completivo é expresso pelo verbo “acabar”, ao qual se incorpora o verbo principal.

- (26) a-kary-pan ky he “Eu acabei de comer”
1ªsg-comer-acabar *ky* eu

3.3 A ORDEM SINTAGMÁTICA

Nos contextos de elicitación direta, obtêm-se as ordens VSO e SOV, sendo a primeira a mais comum em termos de frequência:

- (27) a y-nypin ky Eryary Eriene “O Eduardo bateu na Eliene” VSO
3ª-bater *ky* Eduardo Eliene
b Eryary ky Eriene y-nypin “O Eduardo bateu na Eliene” SOV
Eduardo *ky* Eliene 3ª-bater

Além de VSO e SOV, a ordem OSV também é observada. Comparem-se os dados a seguir, que traduzem a frase “Eduardo comeu peixe”:

- (28) a y-y ky Eryary pəran VSO
3ª-comer *ky* Eduardo peixe
b Eryary ky pəran y-y SOV
c pəran ky Eryary y-y OSV

Observe-se que as ordens SVO e VOS não foram atestadas nos dados até agora coletados.

Estabelecer a ordem básica do Araweté não é uma tarefa das mais simples, já que tanto SOV quanto VSO são possíveis

nos contextos de elicitación direta. Nos trabalhos de cunho estruturalista, a ordem básica é estabelecida pelo critério de frequência e neutralidade pragmática, o que, no caso, autorizaria, pela frequência, a ordem VSO e, pela neutralidade, os três tipos de ordem. Também nesse modelo, a restrição de ocorrência de outras ordens não é explicada.

A abordagem gerativa permite tanto contornar esse impasse ao postular uma ordem subjacente, não necessariamente a mais freqüente, da qual as demais podem ser derivadas, quanto explicar as restrições de ordem. Como hipótese preliminar, sugere-se aqui que SOV seja a ordem básica devido aos seguintes fatos:

a) línguas do tipo VSO possuem SVO como ordem alternativa, segundo os universais de Greenberg (1966); em Araweté, todavia, não foi observada essa possibilidade;

b) quando algum elemento adverbial ou posposicionado ocorre como o primeiro constituinte da oração, ou na posição de tópico ou de foco ou nas construções interrogativas, a ordem é sempre SOV:

(29) kaa ryme ky he marira tin
ontem ky eu mandioca plantar
“Ontem eu plantei mandioca” Top. SOV

(30) type-yhy ky yre pəran y
todos ky nós peixe comer
“Todos nós comemos peixe” Top. SOV

Tal fato parece indicar que a primeira posição da oração está reservada ao elemento com o estatuto de foco ou de tópico. Como, nestes casos, os tipos VSO e OSV não são observados, pode-se sugerir que estes são derivados de SOV através de uma regra de movimento que desloca, no primeiro caso, o verbo, e, no segundo, o objeto, para a posição externa, à esquerda da oração, a posição de foco/tópico.

A partícula *ky* parece ser um delimitador de fronteira de sentença. Segundo Muysken (1995), em sua análise sobre o quechua, os evidenciais são gerados em uma posição fora da sentença e têm a função de marcador de foco. Assim, os elementos que ocorrem à sua esquerda são interpretados como foco. Adotando essa proposta de análise para os dados do Araweté, pode-se sugerir que, mesmo sem qualquer marca explícita na sentença, quando o verbo aparece em posição inicial, a oração se reveste de força evidencial. Quando é o sintagma nominal que ocorre em posição inicial, ele recebe interpretação de foco. Seguindo-se a análise de Muysken, podemos sugerir que *ky*, além de partícula evidencial, seja também um marcador de foco.

Outra possibilidade de interpretação é a de que construções como as exemplificadas em (29) e (30) sejam o resultado de uma incorporação do objeto ao verbo, formando uma unidade composta. Esse tipo de incorporação se assemelha aos compostos sintéticos do inglês *truck-driver*, *taxi-driver* “motorista de caminhão”, “motorista de táxi”. A ser confirmado esse tipo de interpretação, a argumentação para o estabelecimento de uma ordem básica SOV perde sua validade. Observe-se que essas formas são as da construção denominada Indicativo II, que se verá a seguir.

3.4 O INDICATIVO II: TOPICALIZAÇÃO/FOCALIZAÇÃO E INTERROGAÇÃO

Em algumas línguas da família Tupí-Guaraní, quando um elemento adverbial ou posposicionado ocorre topicalizado, focalizado ou é interrogado, o verbo adquire uma morfologia especial, dependendo da pessoa do sujeito: 3ª pessoa em Tapirapé e Asuriní do Trocará e 1ª e 3ª em Tupinambá.

Esse tipo de construção é denominado na literatura de Indicativo II (Rodrigues, 1953) e se caracteriza pelo acréscimo de um sufixo ao verbo e de prefixos de pessoa distintos daqueles que ocorrem nos verbos intransitivos regulares.

Em Araweté também se observa uma construção especial, quando um advérbio ou sintagma posposicionado ocorre como o primeiro constituinte da sentença. Esta construção não se restringe apenas a algumas pessoas, já que ocorre em sentenças com sujeitos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas:

- (31) a **ere-kary** ky ne “Você comeu?”
2ªsg-comer ky você
- b **kaaryme ky ne-kary** “Ontem, você comeu?”
ontem ky 2ªsg-comer
- (32) **mee we pyky ne-hi typan pinan** “Com o que a sua mãe
costura saía?”
o que com inter. ky 2ªsg poss.-mãe saía costurar

Note-se que, em Araweté, o verbo intransitivo tem o seu sujeito expresso por meio de prefixos objetivos; já o verbo transitivo é desprovido de prefixos de pessoa e vem precedido apenas pelo objeto nominal ou pronominal.

3.5 AS CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS

As palavras interrogativas correspondem a pronomes indefinidos, seguidos da partícula interrogativa *pa*. Comparem-se os exemplos 33(a) e 34(a), em que ocorrem os pronomes indefinidos, com 33(b) e 34(b), em que ocorrem palavras interrogativas.

- (33) a **awan** ky marakayan y-jykan y-ha ky “Alguém matou o ca-
chorro e foi embora”
alguém ky cachorro 3ª-matar 3ª-ir ky
- b **awan** pa y-wahen hajwe “Quem chega amanhã?”
quem inter 3ª-chegar
- (34) a **Eryary ky mee hery** “O Eduardo trouxe coisas”
Eduardo ky coisa trazer
- b **mee pa ne ere-y pitymyn** “O que você vai comer à noite?”
o que inter. você 2ªsg-comer noite

As interrogativas do tipo sim/não são formadas com o auxílio da partícula interrogativa *pa*, que se posiciona após o constituinte interrogado:

- (35) **ne-tiriman pa ne** “Você está cansado?”
2ªsg-cansado inter. você

Quando advérbios e elementos posposicionados são interrogados, a forma verbal é a de Indicativo II:

- (36) **awan ne pa ky ne pəran meen** “Para quem você deu peixe?”
quem para int. ky você peixe dar

Note-se que, em (36), o verbo está desprovido de marcas de sujeito. Quando, porém, é o sujeito ou o objeto o elemento interrogado, o verbo aparece flexionado normalmente:

- (37) **mee pa ne ere-myjyn e-en** “O que você está fazendo?”
o que inter. você 2ªsg-fazer 2ªsg corref-estar

As construções interrogativas do Araweté têm características muito semelhantes àquelas verificadas nas outras línguas da família Tupí-Guaraní, conforme descritas por Brandon & Seki (1981).

3.6 AS CONSTRUÇÕES NEGATIVAS

O marcador negativo sentencial, em Araweté, difere daquele encontrado em outras línguas da família Tupí-Guaraní nas quais se utiliza o morfema descontínuo *n(a)...ihi*.

A negação sentencial é feita por meio do acréscimo do marcador negativo *nan* posposto ao verbo principal:

- (38) **y-kary nan Eryary** “O Eduardo não comeu”
3ª-comer-neg Eduardo

No caso dos verbos de estado, o morfema *nan* pode aparecer posposto ao verbo ou como o primeiro elemento da oração:

- (39) a **he-tiriman nan** he “Eu não estou cansado”
 1^asg-cansado neg. eu
 b **nan he he-tiriman** “Eu não estou cansado”
 neg. eu 1^asg-cansado

Observou-se ainda um outro tipo de negação sentencial, que envolve um elemento negativo adverbial na primeira posição da sentença e um sufixo de negação, *ejmi*, característico das estruturas nominais das outras línguas da família. Este sufixo de negação pode se agregar ao verbo principal ou ao verbo auxiliar:

- (40) **ajete he-kary-ejmi** kymete “Hoje eu não comi”
 neg. 1^asg-comer -neg. hoje
- (41) a **ajete Márcia y-ha-ejmi** pariri ti “A Márcia não foi
 pegar banana”
 neg. Márcia 3^a-ir -neg. banana pegar
 b **ajete Márcia y-há** pariri ti-ejmi “A Márcia não foi pe-
 gar banana”
 neg. Márcia 3^a-ir banana pegar-neg.

3.7 A QUANTIFICAÇÃO

A quantificação em Araweté pode ser expressa por advérbios e sufixos verbais e nominais, como ocorre em Asuriní do Trocará (Vieira, 1995). Esse tipo de quantificação é denominado na literatura de quantificação adverbial e difere do tipo de quantificação expressa por determinantes (cf. Partee, 1995).

Uma evidência de que os quantificadores têm um estatuto de advérbio é que, ao ocuparem a primeira posição à esquerda da sentença, eles engatilham o Indicativo II (vide exemplo 30).

Os quantificadores na forma de sufixos verbais podem ter escopo sobre o verbo, o sujeito intransitivo ou o objeto, mas não sobre o sujeito transitivo.

- (42) **ere-kan tin** ky ne paraty “Você quebrou todos os copos”
 2^asg-quebrar-todos ky você copo
 (43) **y-ji-kan-tin** paraty “Todos os copos se quebraram”
 3^a-refl.-quebrar-todos copos

3.8 ESTRUTURAS COORDENADAS E SUBORDINADAS

Em Araweté, existem morfemas específicos, não observados nas demais línguas da família Tupí-Guaraní, que ocorrem para expressar a coordenação de duas orações. A forma do segundo verbo, nesses casos, é a de um verbo dependente que, quando intransitivo, recebe a série de prefixos reflexivos (co-referenciais), mas quando transitivo, é desprovido de marcas de pessoa.

- (44) **a-kary ky he te-xe nyne** “Eu comi e dormi”
 1^asg-comer ky eu 1^asg-dormir coord.

Nas orações subordinadas temporais, também ocorrem conjunções:

- (45) **Eryary y-wahen riri ky he-kary** “Depois que o Eduardo
 chegou, eu comi”

Eduardo 3^a-chegar depois ky eu-comer

As conjunções são empregadas quando não há co-referencialidade entre os sujeitos das duas orações. Quando a co-referencialidade é entre um objeto e um sujeito, emprega-se a partícula (*ra*)*me*.

- (46) **he ky a-exã y-manyn me** “Eu o vi morrendo”
 eu ky 1^asg-ver 3^a-morrer *me*

3.9 A INCORPORAÇÃO

A incorporação nominal é um processo presente em Araweté, processo esse também encontrado em outras línguas da família.

- (47) a a-kary ky he iwi “Eu cavei terra”
 1ªsg-cavar ky eu terra
 b he-iwi-kary “Eu cavei terra”
 1ªsg-terra-cavar

Diferentemente do que ocorre nas outras línguas da família com incorporação nominal, em Araweté, quando o nome se incorpora ao verbo, este fica marcado com uma forma de sujeito, igual à dos verbos de estado. Em (47a) o sujeito de 1ª pessoa é realizado pela forma ativa *a-*, enquanto que em (47b), após a incorporação do nome, a forma prefixada é *he-*.

Em Araweté também se encontra o processo de incorporação, denominado, na literatura, *possessor-stranding*, que se caracteriza pela incorporação ao verbo apenas do elemento possuído, como mostram os exemplos a seguir:

- (48) a y-ywan ky Eryary Biraw pa “O Eduardo furou a mão do Biral”
 3ª-furar ky Eduardo Biral mão
 b y-pa-ywan ky Eryary Biraw “O Eduardo furou a mão do Biral”
 3ª-mão-furar ky Eduardo Biral

O aspecto completivo (vide 3.2.3.3) pode ser interpretado como um caso de incorporação verbal, uma vez que o lexema *pan* ocorre como verbo independente com o sentido de “acabar”.

Outro tipo de incorporação, existente em Araweté e em outras línguas Tupí-Guaraní, é o das construções causativas, entendidas como derivadas de duas orações pelo alçamento do verbo da oração encaixada ao verbo causativo, de natureza afixal, da oração principal (Baker, 1988).

- (49) a y-e ky tatan “O fogo apagou”
 3ª-apagar ky fogo
 b he ky tatan a-my-e “Eu apaguei o fogo”
 eu ky fogo 1ª sg-caus.-apagar

4 O ARAWETÉ E A FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

O exame do vocabulário nuclear indica, pela alta incidência de cognatos, que o Araweté é uma língua da família Tupí-Guaraní. Se os critérios propostos por Lemle (1971) forem aplicados, o Araweté se liga geneticamente, num primeiro plano, ao subgrupo composto pelo Asuriní, Guajajára, Parintintin, Kamaiurá e Urubú, pelas mudanças compartilhadas **py > tʃ* e **c > h*. Em outro nível estaria mais próximo do Asuriní e do Guajajára pela mudança do sistema vocálico e pela perda da nasalidade vocálica, uma vez que não tem o sistema clássico de seis vogais orais e seis nasais (Lemle, 1971). Essa mudança pode ser descrita como um processo em cadeia (cf. Castro, 1986; Soares & Leite, 1991) e se verifica também em Tapirapé, Asuriní e Guajajára. No entanto, essa cadeia em Araweté parece ter caminhos próprios, sendo impulsionada pelo pouco arredondamento das vogais posteriores que leva à perda da distintividade do traço [arredondado], dando origem a um sistema fonologicamente diferente do das demais línguas com apenas cinco vogais. Os critérios de Lemle falham por classificar as línguas que perdem as consoantes finais, como o Araweté, como dialetos Guaraní, que não compartilham da mudança **py > tʃ* e **c > h*.

Na literatura sobre classificação das línguas Tupí-Guaraní, Urban (1992) considera, sem explicitar a razão, o Araweté um dialeto Tapirapé, juntamente com o Asuriní e o Parakanã, posição que os dados aqui apresentados não corroboram. Já Rodrigues (1984/1985) estabelece os traços que induzem a subclassificação das línguas da família Tupí-Guaraní e cautelosamente, dada à paucidade de dados, agrupa o Araweté junto com o Kaiabí e o Asuriní do Xingu. No entanto, essa probabilidade também não se confirma. A tomar por base os critérios estabelecidos por Rodrigues, o Araweté constituiria um subgrupo à parte, com os seguintes traços: 1. perda das consoantes finais (com exceção de j); 2. fusão de **tʃ* e **ts*, ambos pas-

sando a h; 3. *pw > p; 4. *pj > tʃ; 5. conservação de *j; 6. conservação do acento⁸.

Pode-se acrescentar o caráter não-distintivo do traço [arredondado].

Quanto às características morfossintáticas, o Araweté tem várias das categorias encontradas em outras línguas da família Tupí-Guaraní, tais como a marcação de tempo nos nomes, a ausência de afixos temporais verbais, a reduplicação como indicador de aspecto, a atuação da natureza do primeiro sintagma à esquerda da sentença como desencadeador do indicativo II, a incorporação nominal e verbal, as construções causativas, o desiderativo, o completivo, a ordem sintagmática básica SOV, que se encontra em Mbyá e Kamaiurá e em outras famílias do tronco Tupí, a série de clíticos reflexivos ou co-referenciais estendida a todas as pessoas, comum também ao Tapirapé, Asuriní do Trocará, Kamaiurá, mas limitada à terceira pessoa em Tupinambá, Mbyá e línguas Guaraní, verbos auxiliares, entre os quais se encontram os verbos posturais, para codificar o aspecto progressivo, palavras interrogativas derivadas de pronomes

⁸ Entre os subgrupos estabelecidos por Rodrigues (1984/1985), o subconjunto VIII, que abrange o Wayampí, Takunyapé, Emérillon, Amanayé, Anambé, Turiwara, Guajá, urubu e, de inclusão recente, o Jo'e (Cabral, 1995/1996), é o melhor candidato para hospedar o Araweté. Os traços selecionados por Rodrigues (*op. cit.*) são a) perda parcial das consoantes; b) fusão *tx e *ts ambos mudados em h; c) mudança *pw em kw; d) mudança *pj em s; e) conservação de *j; marcas pronominais de 3ª pessoa masculina, feminina e plural comum ao homem e à mulher. No entanto, esses traços não são monovalentes e o conjunto admite línguas em que há perda total das consoantes finais (Wayampí) ou perda de apenas uma consoante (Jo'e, Cabral, 1995/1996). O traço em que o Araweté não partilha é o da mudança *pw para kw, que nos parece se restringe ao morfema de passado nos nomes. A plurivalência dos critérios torna a taxionomia proposta logicamente fraca, uma vez que não há possibilidade de verificação empírica: caso uma língua não tenha aquela característica tal como estipulada, basta ampliá-lo. Assim seria possível acrescentar ao critério c) *pw se mantém ou passa kw. Tal procedimento, pelos motivos expostos acima, não parece adequado.

indefinidos, morfema especial para marcar a co-referencialidade entre sujeito e objeto, etc.

O Araweté, no entanto, tem propriedades não encontradas em outras línguas da família Tupí-Guaraní, como uma conjunção coordenativa, as partículas *ky* e *nan* como indicador de negação sentencial, a forma de indicativo II para todas as pessoas, a estrutura ativa estendida para todas as relações de pessoa e a co-existência de dois sistemas para indicar a relação de 1ª e 2ª pessoas.

Longe se está de determinar com plena certeza qual a posição do Araweté na família Tupí-Guaraní. Procurou-se aqui tão somente organizar os dados de que se dispõe para futuros estudos comparativos e chamar a atenção para a singularidade do Araweté em comparação às demais línguas da família, já tão amplamente estudadas numa perspectiva comparativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, M. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- BARBOSA, A. L. *Curso de Tupí Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- BRANDON, F. R., SEKI, L. A note on COMP as a Universal. *Linguistic Inquiry*, n. 12, p. 275-93, 1981.
- CABRAL, A. S. A. C. Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní. *Moara: Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras UFPA*. Belém, n. 4, p. 47-76, out. 1995/mar.1996.
- CASTRO, E. B. V. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro, 1986. Tese (Doutorado). Programa de pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional.
- DIETRICH, W. *El idioma Chiriguano*. Espanha: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1986.
- DOBSON, R. *Aspectos da língua Kayabi*. Brasília: SIL, 1988.
- DOOLEY, R. A. *Vocabulário básico do Guaraní: vocabulário básico do Guaraní contemporâneo (dialeto mbüa do Brasil)*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1982.

- GREENBERG, J. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J. (ed.). *Universals of Language*. Cambridge: MIT Press, 1966, p. 73-113.
- JENSEN, C. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. São Paulo: Unicamp, 1989.
- LEITE, Y. F. Para uma tipologia ativa do Tapirapé: os clíticos referenciais de pessoa. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 18, p. 37-56, 1990.
- LEMLE, M. Internal classification of the Tupí-Guaraní linguistic family. In: BENDOR-SAMUEL, D. (ed.). *Tupí Studies I*. Oklahoma: SIL, 1971, p. 107-29.
- MONSERRAT, R. M. *Prefixos pessoais em Aweti*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1976.
- MONSERRAT, R. M. F., IRMÃZINHAS DE JESUS. *Língua Asuriní do Xingu: observações gramaticais*. Altamira, Pará: Conselho Indigenista Missionário, 1998.
- MONTOYA, A., R. de. *Arte de la lengua guaraní, ó mas bien tupí*. Nueva Edición. Viena: Faesy y Frick. Paris: Maisonneuve y Cia, 1876.
- MUYSKEN, P. Focus in Quechua. In: KISS, É. K. (ed.). *Discourse Configurational Languages*. Oxford: Oxford University Press, 1995, p. 375-393.
- NICHOLSON, V. *Aspectos da língua Asuriní*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978.
- PARTEE, B. H. Quantificational structures and compositionality. In: BACH et al. (eds). *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht: Kluwer, 1995, p. 541-601.
- RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo Tupí. *Letras*. Curitiba, n. 1, p. 121-52, 1953.
- _____. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 27/28, p. 33-53, 1984/ 1985.
- SEKI, L. Marcadores de pessoa do Kamaiurá. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 3, p. 22-41, 1982.
- SOARES, M. F., LEITE, Y. Vowel shift in the Tupí-Guaraní linguistic family. In: KEY, M. R. (ed.). *Language Change in South American Indian Languages*. Philadelphia: Philadelphia University Press, 1991, p. 36-53.

- URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, M. M. C. da (ed.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras/Fapesp/SMC, 1992, p. 87-102.
- VIEIRA, M. M. D. Hierarquia referencial de pessoa e mudança morfológica: uma comparação Tupinambá-Asuriní. In: Encontro Nacional da ANPOLL, 2, 1987, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1987.
- _____. The expression of quantificational notions in Asuriní do Trocará: evidence against the universality of determiner quantification. In: BACH, E. et al. (eds). *Quantification in Natural Language*. Dordrecht: Kluwer, 1995, p. 701-20.